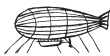


IAN WATT

# A ASCENSÃO DO ROMANCE

*Estudos sobre Defoe,  
Richardson e Fielding*

*Tradução*  
Hildegard Feist



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1957 by Ian Watt  
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The rise of the novel: Studies in Defoe, Richardson and Fielding

*Indicação editorial*

Roberto Schwarz

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Nair Almeida Salles

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Watt, Ian

A ascensão do romance : estudos sobre Defoe, Richardson e  
Fielding / Ian Watt ; tradução Hildegard Feist. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: The rise of the novel: Studies in Defoe,  
Richardson and Fielding.

ISBN 978-85-359-1750-5

1. Defoe, Daniel, 1661?-1731 — Crítica e interpretação  
2. Ficção inglesa — Século 18 — História e crítica 3. Fielding,  
Henry, 1707-1754 — Obras de ficção 4. Richardson, Samuel,  
1689-1761 — Crítica e interpretação 1. Título.

---

10-09377

CDD-823.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Século 18 : Literatura inglesa : História e crítica 823.09

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# SUMÁRIO

Prefácio 7

1. O realismo e a forma romance 9
2. O público leitor e o surgimento do romance 37
3. *Robinson Crusoe*, o individualismo e o romance 63
4. Defoe romancista: *Moll Flanders* 100
5. O amor e o romance: *Pamela* 145
6. A experiência privada e o romance 184
7. Richardson romancista: *Clarissa* 220
8. Fielding e a teoria épica do romance 254
9. Fielding romancista: *Tom Jones* 277
10. O realismo e a tradição posterior: um comentário 310

Notas 323

Sobre o autor 347

## 1. O REALISMO E A FORMA ROMANCE

**AINDA NÃO HÁ RESPOSTAS** inteiramente satisfatórias para muitas das perguntas genéricas que qualquer pessoa interessada nos romancistas de inícios do século XVIII poderia formular. O romance é uma forma literária nova? Supondo que sim, como em geral se supõe, e que se iniciou com Defoe, Richardson e Fielding, em que o romance difere da prosa de ficção do passado, da Grécia, por exemplo, ou da Idade Média, ou da França do século XVII? E há algum motivo para essas diferenças terem aparecido em determinada época e em determinado local?

Nunca é fácil abordar questões tão amplas, muito menos respondê-las, e neste caso elas são particularmente difíceis, pois a rigor Defoe, Richardson e Fielding não constituem uma escola literária. Na verdade suas obras apresentam tão poucos indícios de influência recíproca e são de natureza tão diversa que à primeira vista parecia que nossa curiosidade sobre o surgimento do romance dificilmente encontraria alguma satisfação além daquela oferecida pelos termos “gênio” e “acidente”, a dupla face desse Jano do beco sem saída da história literária. Certamente não podemos descartá-los; por outro lado não nos são de grande valia. Assim, o presente estudo toma outra direção: considerando que o surgimento dos três primeiros romancistas ingleses na mesma geração provavelmente não foi mero acidente e que seu gênio só poderia ter criado a nova forma se as condições da época fossem favoráveis, este trabalho procura identificar tais condições do ponto de vista literário e social e descobrir como beneficiaram Defoe, Richardson e Fielding.

Para tal exame precisamos inicialmente de uma boa definição das características do romance — uma definição bastante estrita para excluir tipos de narrativa anteriores e contudo bas-

tante ampla para abranger tudo que em geral se classifica como romance. Quanto a isso os romancistas não nos ajudam muito. É verdade que Richardson e Fielding se consideravam criadores de uma nova forma literária e viam em sua obra uma ruptura com a ficção antiga; porém nem eles nem seus contemporâneos nos forneceram o tipo de caracterização do novo gênero do qual precisamos; na verdade sequer assinalaram a diversidade de sua ficção mudando-lhe o nome — o termo “romance” só se consagrou no final do século XVIII.

Graças a sua perspectiva mais ampla os historiadores do romance conseguiram contribuir muito mais para determinar as peculiaridades da nova forma. Em resumo consideraram o “realismo” a diferença essencial entre a obra dos romancistas do início do século XVIII e a ficção anterior. Diante desse quadro — escritores distintos que têm em comum o “realismo” — o estudioso sente a necessidade de maiores explicações sobre o próprio termo, quando menos porque usá-lo aleatoriamente como uma característica essencial do romance poderia sugerir que todos os escritores e as formas literárias anteriores perseguiam o irreal.

As principais associações críticas do termo “realismo” são com a escola dos realistas franceses. Como definição estética a palavra “*réalisme*” foi usada pela primeira vez em 1835 para denotar a “*vérité humaine*” de Rembrandt em oposição à “*idéalité poétique*” da pintura neoclássica; mais tarde consagrou-o como termo especificamente literário a fundação, em 1856, do *Réalisme*, jornal editado por Duranty.<sup>1</sup>

Infelizmente a utilidade do termo em grande parte se perdeu nas azedas controvérsias sobre os temas “vulgares” e as “tendências imorais” de Flaubert e seus sucessores. Em consequência a palavra “realismo” passou a ser usada basicamente como antônimo de “idealismo” e nesse sentido — que na verdade reflete a posição dos inimigos dos realistas franceses — permeou boa parte dos estudos críticos e históricos do romance. Comumente se considera a pré-história do gênero apenas uma questão de traçar a continuidade entre toda a ficção anterior que

retratava a vida vulgar: a história da matrona de Éfeso é “realista” porque mostra que o apetite sexual supera a tristeza de esposa; e o *fabliau* ou a picaresca são “realistas” porque, ao apresentar o comportamento humano, privilegiam motivos econômicos ou carnais. De acordo com a mesma premissa, considera-se que o auge dessa tradição está nos romancistas ingleses do século XVIII e nos franceses Furetière, Scarron e Lesage: o “realismo” dos romances de Defoe, Richardson e Fielding é intimamente associado ao fato de Moll Flanders ser ladra, Pamela ser hipócrita e Tom Jones ser fornicador.

Entretanto esse emprego do termo “realismo” tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se este fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta.

Evidentemente tal posição se assemelha muito à dos realistas franceses, os quais diziam que, se seus romances tendiam a diferenciar-se dos quadros lisonjeiros da humanidade mostrados por muitos códigos éticos, sociais e literários estabelecidos, era apenas porque constituíam o produto de uma análise da vida mais desapaixonada e científica do que se tentara antes. Não há evidência de que esse ideal de objetividade científica seja desejável e com certeza não se pode concretizá-lo: no entanto é muito significativo que, no primeiro esforço sistemático para definir os objetivos e métodos do novo gênero, os realistas franceses tivessem atentado para uma questão que o romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária — o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita. Trata-se de um problema essencialmente epistemológico e, assim, parece provável que a natureza do realismo do romance — no século XVIII ou mais tarde — pode se elucidar melhor com a ajuda de profissionais voltados para a análise dos conceitos, ou seja, os filósofos.